

RUA DR. ADRIANO J. DE BARROS

Lei nº 327 de 05-05-1950

Formada pela rua 3 da Chácara Vieira e rua 1 do loteamento Mac-Hardy

Início na rua Floriano Camargo Penteado

Término na rua Monsenhor Manoel Correia Macedo

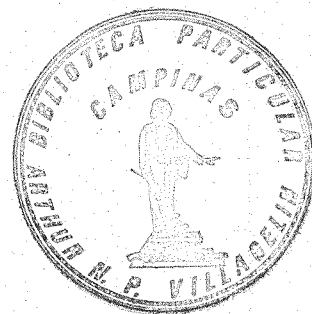
Ponte Preta

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Miguel Vicente Cury.

DR. ADRIANO J. DE BARROS

Adriano Julio de Barros nasceu em Campinas a 16-04-1864 e faleceu em 02-dezembro-1942. Era filho de José Julio de Barros e Emerenciana Ferreira de Queiroz Barros. Foi casado com Altemira Alves de Andrade Couto, deixando numerosa descendência. Seguindo sua vocação, concluiu o curso de humanidades, seguiu para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Faculdade de Medicina, onde se formou com brilhantismo. Formado, voltou para Campinas, aqui exercendo a profissão na Santa Casa de Misericórdia, instituição da qual, também foi diretor e mesário. Ao iniciar sua clínica em Campinas, a cidade estava sendo assolada pela epidemia de febre amarela. Logo, por seu saber, competência e probidade, foi-lhe entregue a direção do Hospital do Isolamento. Aí desenvolveu luta ingente, não apenas contra os preconceitos das classes menos esclarecidas, como também, da classe comercial. Estes, não queriam que se alardeasse estar a cidade tomada com a epidemia de febre amarela, pois tal fato causaria o pânico na população, seguindo-se o êxodo, que por sua vez, provocaria a debacle do comércio. Impávido, o dr. Adriano permaneceu em seu posto, pôs em prática rigorosas medidas profiláticas e nunca abandonou a sua cidade natal. Devido a sua dedicação foi vítima do "morbus ictérico", conseguindo salvar-se. Mais tarde o dr. Emilio Ribas, no Serviço Sanitário do Estado, quiz por à prova a teoria Finlay sobre a transmissão da febre amarela pelo mosquito, nomeou uma comissão dos mais eminentes médicos, escolhendo o dr. Luís Pereira Barreto, Adriano Julio de Barros e Antonio Gomes da Silva Rodrigues, que após minuciosos trabalhos, comprovaram a veracidade da transmissão da febre por mosquito, cujo relatório foi mais tarde publicado em francês, no livro "Travaux touchant la prophylaxie de la fièvre jaune". Outros benefícios prestou o dr. Adriano a sua terra natal, sendo eleito vereador à Câmara Municipal no período de 1899 a 1901, quando presidiu a edilidade. Em 1961, a Santa Casa inaugurou um Hospital Infantil que deu o nome de Dr. Adriano Julio de Barros.

RUA DR. ADRIANO J. DE BARROS

**Lei n. 327, de 5 de Maio de 1950**

Dá o nome de «Dr. Adriano J. de Barros» a uma rua da cidade

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada "Dr. Adriano J. de Barros" a primeira travessa da Avenida Saudade, após a Rua Ângelo Simões, tendo início na Rua Floriano Camargo Penteado, entre as ruas Ângelo Simões e sem denominação e terminando na Rua 2 do arruamento da Cia. Mc-Hardy.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 5 de maio de 1950.

MIGUEL VICENTE CURY
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 5 de maio de 1950.

O Diretor,
ADMAR MAIA



Nasceu o Dr. Adriano Júlio de Barros, na cidade de Campinas, a 16 de abril de 1864. Fez seus primeiros estudos no Colégio Morton e Culto à Ciência. Diplomou-se em 1889 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde defendeu tese com grande brilho.

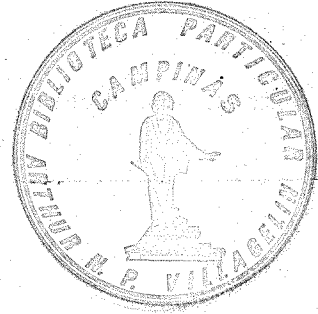
Iniciou a sua clínica em Campinas, num período em que esta cidade vinha sendo assolada pela epidemia da febre amarela.

Logo, pelo seu saber, competência e prociidade, ascendeu à primeira plana dos médicos campineiros, sendo-lhe entregue a direção suprema dos Hospital do Isolamento, numa época sobremaneira crítica.

Aí desenvolveu uma luta ingente, não só contra os preconceitos das classes menos esclarecidas, senão também contra os da própria classe comercial. Com efeito, os comerciantes estabelecidos na cidade não queriam se declarasse que a epidemia, então reinante, fôsse a de febre amarela, pois do contrário o pânico se apoderaria da população, seguindo-se o exodo em massa, o despovoamento, a "débaçle" comercial: Impávido, o Dr. Adriano de Barros arrastou a tremenda campanha, permaneceu firme no seu posto, poz em pratica rigorosamente as medidas que a ciência da época aconselhava e nunca abandonou a sua cidade natal. Por tanta dedicação e tanto trabalho exercido gratuitamente no desempenho de um serviço público o destino deu-lhe uma recompensa: a infeção pelo próprio "morbus icterico". Foi outro grande médico, Dr. Guilherme da Silva que dêle tratou, salvando-lhe a vida.

Mais tarde, quando o Dr. Emilio Ribas, a testa do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, entendeu pôr à prova pela 1ª vez, America do Sul, a teoria de Finlay sôbre a transmissibilidade da febre amarela pelo mosquito, nomeu uma comissão composta de medicos dos mais eminentes pelo seu saber, competência e probidade, escolhendo o Dr. Luis Pereira Barreto, Dr. Adriano Júlio de Barros e Dr. Silva Rodrigues para compo-la. Árduos e minuciosos foram os trabalhos dessa comissão de sábios no Hospital do Isolamento, em São Paulo, desempenhados também gratuitamente, a bem da ciência e do bem estar da população. O celebra relatorio dessa comissão foi publicado mais tarde em frances, por iniciativa do Dr. Emilio Ribas, no livro, hoje rarissimo: "Travaux touchant la prophylaxie de la fièvre jaune".

A comissão chegou às mesmas conclusões de Fil... Assim, se dissiparam as dúvidas então existentes em nosso meio sôbre a etiologia da terrivel molestia. Foram, pois, os trabalhos experimentais do Hospital de Isolamento de São Paulo que serviram de base ao ciclopico



-2-

saneamento do Rio de Janeiro, levado a efeito por Oswaldo Cruz. Entretanto, pouca gente sabe os nomes dos componentes dessa benemerita trilogia de médicos, que, arriscando a própria vida e sem recompensa alguma de ordem honorífica ou pecuniária, fornecendo a base científica e definitiva para a extirpação da febre amarela no Brasil. Só em fato bastaria para immortalizar o nome do ilustre medico campineiro e justificar a modesta homenagem da cidade, dando-lhe o seu nome a uma das nossas vias públicas.

Mas outros benefícios prestou o Dr. Adriano Júlio de Barros, a Campinas, seja como vereador no período de 1899 a 1901..... seja como clínico da Santa Casa de Misericórdia, onde prodigalisou os recursos de seu saber e experiência, também sem nenhum fito de recompensa em agradecimento.

Deve-se ao Dr. Adriano Júlio de Barros, inúmeras iniciativas que beneficiaram a cidade sob o ponto de vista sanitario, seja propondo diretamente medidas, seja inspirando os porta vozes da opinião pública.

março
Sala das Sessões, 9 de fevereiro de 1.950.

Avellino Valente Couto

AVELINO VALENTE DO COUTO;

Cam



Centenário de Adriano Barros

16 Abril 1964

Transcorreu dia 16 do corrente, o centenário de nascimento de Adriano de Barros, que se projetou como médico e como cidadão. Nasceu nesta cidade, a 16 de abril de 1864, filho do sr. José Julio de Barros e de d. Emerenciana Ferreira de Queiroz Barros. Seguindo sua vocação, concluiu o curso de humanidades, seguiu para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Faculdade de Medicina, onde se formou com brilhantismo. Formado, voltou para Campinas, exercendo aqui a profissão, na Santa Casa de Misericórdia, instituição da qual também foi diretor e mesário.

FEBRE AMARELA

O médico Adriano Julio de Barros, que passou a ser mais conhecido apenas por Adriano de Barros, ganhou nome pelo seu trabalho e dedicação à profissão.

A esse tempo, anualmente, desde o início do verão, surgiam em Campinas surtos epidêmicos, causando numerosas vítimas, atugentando famílias, enchendo de terror a sociedade e acarretando danos de toda espécie. A classe comercial, especialmente, não admitia que se tratasse de febre amarela, de vez que, era doença geral, aquela molestia não ultrapassava o litoral e jamais galgaria uma altitude como a de Campinas.

O dr. Adriano de Barros, que, ao contrario de muitos de seus colegas mais velhos, bem conhecia o mal amarelado, devido à sua permanência no Rio de Janeiro, ao assumir a direção do Hospital do Isolamento, sofreu dias amargos, combatido e caluniado por interessados, ignorantes uns e outros de má fé. Sem arredar pé de seu posto, com risco de sua vida, prestou à população campineira inestimáveis serviços. Atingido, ele proprio, pela molestia, salvou-se graças à robustez de seu fisico e aos cuidados de seu colega, dr. Guilherme da Silva.

COMBATE AO TRANSMISSOR

Militou na politica municipal: eleito vereador, exerceu, por eleição de seus pares, a presidência da Câmara Municipal de Campinas.

Em 1902 transferiu sua residência para S. Paulo. A esse tempo agitava-se no mundo científico a questão da profilaxia da febre amarela, tomando por ponto de partida a sua transmissão pela picada da mosca Stegomyia fasciata. Em Cuba, as experiências e observações de Finlay haviam chegado a conclusões definitivas. Mas, entre nós, incontável era o número dos incredulos. Urgia renovar coram populo as experiências, a fim de que, combatendo o veiculo transmissor se pusesse a salvo a população de tão grave mal. Foi quando o grande Emilio Ribas, então diretor do Serviço Sanitario do Estado de São Paulo, organizou uma comissão de medicos, incumbindo-a do encargo. Para esse fim nomeou os drs. Luiz Pereira Barreto, Adriano Julio de Barros e Antonio Gomes da Silva Rodrigues. Os resultados foram inteiramente positivos: a comissão desempenhou-se brilhantemente e, como resultado de suas observações, resultado demonstrado irretorquivelmente que a transmissão se verificava pela picada do mosquito, infectado por haver anteriormente se alimentado com o sangue de um doente de febre amarela.

O Serviço Sanitario do Estado de São Paulo fez publicar, para divulgação internacional, uma vez que as experiências interessavam ao mundo inteiro, em francês, o relatório intitulado: "Travaux touchant la prophylaxie de la fièvre jaune". Entre as conclusões assinalavam os signatarios que o contagio não se verificava pela convizinhaça com os doentes, nem pelas roupas ou objetos usados por eles e, sim e tão-somente, pela picada do mosquito infectado. Combatido e eliminado o transmissor, estaria debelado o mal. A tese sustentada pela comissão paulista é hoje vitoriosa em todo o mundo.

Em 30 de janeiro de 1926, na Faculdade de Medicina de São Paulo, pronunciou o dr. Adriano de Barros conferencia sobre a personalidade de Emilio Ribas. "O Estado de São Paulo" publicou esse trabalho em que o dr. Adriano

relata fatos, curiosos uns, dramaticos muitos, das epidemias da febre amarela. Pôs em devido destaque a ação de Emilio Ribas, de Adolfo Lutz e de seus companheiros de comissão, silenciando modestamente a propria atividade.

Em 1918, por ocasião da mortifera epidemia de gripe, alistou-se como voluntario na Liga Nacionalista e prestou desinteressadamente relevantes serviços, ainda desta vez com risco de sua vida. Soube fazer da carreira que abraçou um verdadeiro sacerdocio. Gozou do mais alto conceito entre os seus colegas de classe.

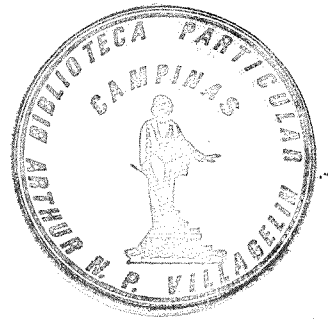
Sua atividade não se limitou ao campo da ciencia. Personalidade que se notabilizou por seu espirito de iniciativa, iniciou e introduziu no País a industria, até então desconhecida, do ferro esmaltado. Fundou em 1908 a fabrica Silex e em seguida a Companhia Paulista de Louça Esmaltada. Por dois periodos presidiu a Associação Commercial de São Paulo.

Casado na sua cidade natal com d. Altemira Alves de Andrade Couto, representante dos mais autenticos troncos bandeirantes, deixou numerosa descendencia.

Em memória e homenagem ao seu antigo benfeitor, a Santa Casa de Misericórdia de Campinas inaugurou em 1961 um Hospital Infantil, a que deu o nome de Dr. Adriano Julio de Barros.

DESCENDENTE

E' essa, em largos traços, a historia da extraordinária personalidade do médico Adriano de Barros, cujo centenário de nascimento, ocorrido no dia 16, serviu para lembrar a figura de um denodado batalhador que marcou seu nome na campanha de debelação da febre amarela, que periodicamente surgia em Campinas em surtos epidêmicos de funestos efeitos. E' descendente de Adriano de Barros, o dr. Antonio de Barros, proprietario da Fazenda São João, no distrito de Sousas, que guarda de seu illustre pai a mais grata e honrosa memoria.



Ruas de Campinas

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

L 11

Adriano de Barros

(Começa na rua da Abolição e termina na primeira rua depois da Avenida da Saúde, no Bairro da Ponte Preta, ligando a Vila Elsa à Vila Maria).

A denominação foi dada pelo Decreto-Lei 327, de 5 de Maio de 1950. Tem duas larguras: 8 e 10 mts.

DADOS BIOGRÁFICOS: O médico dr. Adriano José de Barros, nascido em Campinas, aos 16 de Abril de 1864 e falecido aos 2 dias de dezembro de 1942, fez seus primeiros estudos no colégio Morton e depois no Culto à Ciência. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1889, tendo defendido tese com grande brilhantismo. Iniciou a sua clínica em Campinas, num período em que esta cidade vinha sendo assolada pela epidemia de febre amarela. Pelo saber, competência e probidade, ascendeu à primeira plana dos médicos campineiros, sendo-lhe entregue a direção do Hospital do Isolamento. Aí desenvolveu luta ingente, não só contra os preconceitos das classes menos esclarecidas, serão também contra os da própria classe comercial. Como efeito, os comerciantes da cidade não queriam que se declarasse a epidemia então reinante era de febre amarela, pois o pânico se apoderaria da população, seguindo-se o êxodo, o despoamento e, consequentemente graves prejuízos ao comércio. O dr. Adriano J. de Barros arrastou a tremenda campanha, firme no seu posto, poz em prática rigorosamente as medidas que a ciência aconselhava e nunca abandonou a sua cidade natal. E como recompensa de tanta dedicação e tanto trabalho exercido gratuitamente no desempenho de um serviço público, o destino deu-lhe uma grande recompensa: a infecção pelo próprio "morbus icterico". Salvou-lhe a vida o dr. Guilherme da Silva, outro grande médico.

Mais tarde, quando o dr. Emilio Ribas, a testa do Serviço Sanitário do Estado de S. Paulo, entendeu pôr à prova pela primeira vez, na América do Sul, a teoria de Finlay sobre a transmissibilidade da febre amarela pelo mosquito, nomeou uma comissão composta de médicos dos mais eminentes pelo seu saber, escolhendo então o dr. Luís Pereira Barreto, dr. Adriano Júlio de Barros e dr. Silva Rodrigues para compô-la. Árduos e minuciosos foram os trabalhos dessa comissão, no Hospital do Isolamento, em S. Paulo, a bem da ciência e do bem estar da população. O célebre relatório dessa comissão foi publicado mais tarde, em francês, por iniciativa do Dr. Emilio Ribas, no livro, "Travaux touchand la prophylaxie de la fièvre jaune".

A comissão chegou às mesmas conclusões que Finlay. Dissiparam as dúvidas então existentes em nosso meio sobre a etiologia da terrível moléstia. Os trabalhos iniciais experimentais do Hospital do Isolamento, de S. Paulo, serviram de base ao ciclo-pico sa-

neamento do Rio de Janeiro, realizado por Oswaldo Cruz.

Foi também vereador no período de 1896 e 1901, e clínico da Santa Casa de Misericórdia, onde prodigalisou os recursos de seu saber e experiência, fido de recompensa em agradeci-

JULIO